

fevereiro 1999  
ano 4  
edição meses letivos

Exposição comemora os 90 anos de Oscar Niemeyer  
Marco do Valle  
mdovalle@iar.unicamp.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

Editor responsável  
Abilio Guerra

Correspondentes  
Afonso Orciuolo Espanha  
Cristina Mehrtrns EUA  
Eduardo Aquino Canadá  
Ligia Velloso Nobre Inglaterra  
Marcos Tognon Itália  
M<sup>r</sup> Pilar P Piñeyro Uruguai  
Olivia d c Oliveira Suíça  
Paul Meurs Holanda  
Paulo Diziali França  
Pedro Marcira Alemanha  
Ramón Gutierrez Argentina  
Vitorio Corinaldi Israel

Monitores  
André Kaplan  
Daniel Carnelossi  
Isabela Taxa Brisighello  
Priscila Vieira Davini

FAU PUC-Campinas  
Diretor  
Ricardo Marques de Azevedo  
Coordenador de curso  
Wilson Ribeiro dos Santos Jr

Centro de Apoio Didático  
Rod D Pedro I - Km 136  
Campus I - CEP 13089-500  
Campinas SP Brasil  
fone 55 (0)19 754.7156  
fax 55 (0)19 255.6376  
fau@acad.puccamp.br

Revista Óculum  
Alameda Campinas 51  
01404-000 São Paulo SP  
fone-fax 011 2888950  
oculum@uninet.com.br

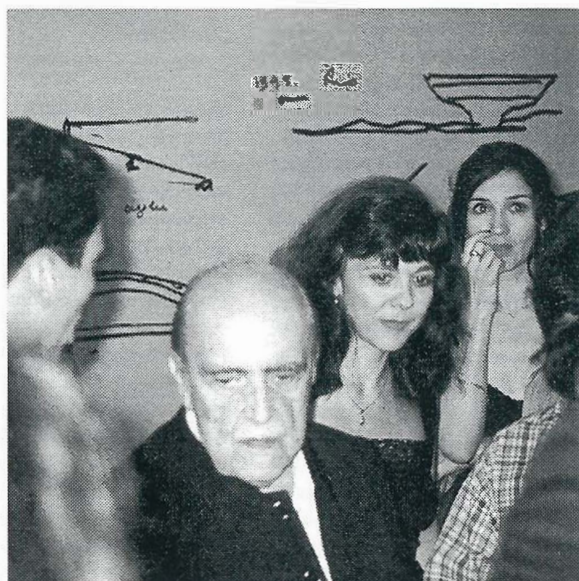
Página Web na Internet  
www.puccamp.br/~fau/

Apoio cultural  
Apple do Brasil  
Daidigital Kodak



DAIDIGITAL

IMPRESSO



#### Raízes do Memorial / Niemeyer 90 anos.

Curadoria Geral, Cecília Sharlach. Direção de pesquisa: Ana Lúcia Niemeyer de Medeiros. Exposição organizada pelo Instituto Lina Bo e PM Bardi, Fundações Memorial da América Latina e Oscar Niemeyer. Pavilhão Manoel da Nóbrega, av. P. Álvares Cabral, portão 10, Pq. Ibirapuera, São Paulo. De 3<sup>a</sup> a Dom, 11h às 17h. Até março99

Uma bela exposição comemora os 90 anos de Oscar Niemeyer, arquiteto brasileiro nascido em 15 de dezembro de 1907 no Rio de Janeiro. Em suas memórias escreve sobre suas origens: "meu nome deveria ser Oscar Ribeiro Soares ou Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares, mas prevaleceu o nome estrangeiro e acabei conhecido como Oscar Niemeyer".

Darcy Ribeiro afirma que "Oscar Niemeyer é o fato mais importante que aconteceu no Brasil". Não temos dúvidas que foi ele que deu forma arquitetônica ao Brasil moderno e contemporâneo, que simbolizou nossa arquitetura considerando o passado e projetando o futuro. Seu significado estende-se à própria arquitetura moderna internacional, a quem Oscar Niemeyer questionou com sua obra da Pampulha. "Estávamos em 1940, numa época dominada por um funcionalismo ortodoxo, incapaz de autorizar a fantasia. As formas frias e técnicas não me entusiasmavam muito. Ao contrário: eu me apaixonava pelas formas novas, as superfícies sinuosas, belas e sensuais, capazes de suscitar emoções diversas". Esta invenção demonstrada na Casa do Baile com sua laje sinuosa, mesmo criticada duramente por Max Bill e pela crítica internacional, não fez com que Oscar Niemeyer desviasse e sim firmasse seu caminho, o que possibilitou reconhec-

cimento da arquitetura brasileira no mundo. Devemos ainda considerar sua longevidade e sua vida produtiva como um presente, a um país que procura demarcar sua cultura em um mundo globalizado. O visitante poderá ter o conhecimento da obra do arquiteto por um painel indexador que permite localizar no tempo e no espaço um conjunto de obras, estimado até o momento em 500 projetos (a pesquisa mantém-se em curso), realizados de 1935 até 1998.

A exposição está composta ainda de um conjunto de maquetes de obras emblemáticas do arquiteto, do mobiliário que o arquiteto desenvolveu com sua filha Anna Maria, de um painel com sua biografia, outro painel de desenhos do arquiteto demonstrando suas preocupações poéticas e técnicas na arquitetura, uma réplica do escritório de Oscar Niemeyer no Edifício Ypiranga na Avenida Atlântica nº 3.940 construída com fotografias em escala 1:1 e, no pavimento superior, por ampliações fotográficas de suas obras em grande escala, envolvendo o espectador.

A exposição é um testemunho de uma obra viva e profícua, como também é um pequeno inventário do quanto nós brasileiros e nossa arquitetura deve ao homem e arquiteto Oscar Niemeyer.

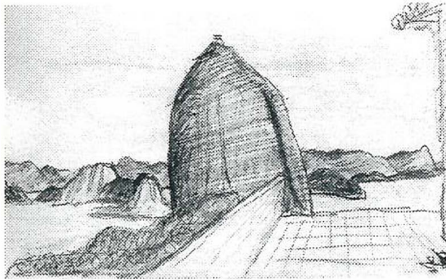
II Seminário Montevidéu  
Pilar Pérez Piñeyro, Uruguai  
mapilar@chasque.apc.org

Desde 1990 os vínculos entre acadêmicos e gestores urbanos na cidade de Montevidéu tem se solidificado mediante uma série de convênios firmados entre a Universidade da República e a Intendência Municipal de Montevidéu, os quais viabilizaram estudos para a cidade, mediante a contratação dos serviços profissionais da Faculdade de Arquitetura. Entre eles se destaca o já aprovado Plano de Ordenamento Territorial (Plano Montevidéu). O intercâmbio entre ambas instituições incluiu em 1998 a organização de um seminário de características inéditas. Durante 15 dias aconteceu diversas atividades integradas: ciclo de conferências, ateliês de projeto e o julgamento dos trabalhos realizados por profissionais de destacada trajetória internacional. A Bahia de Montevidéu constituiu seu eixo temático. O êxito da experiência incentivou sua reedição neste ano, com o tema *Conectividade e Paisagem nas bordas urbanas e Bacia do riacho Miguelete*, uma área fortemente vinculada à Bahia e objeto da elaboração de um futuro Plano Especial. O seminário será dirigido pelo Intendente Municipal de Montevidéu, arq Mariano Arana, e pelo decano da Faculdade de Arquitetura, arq Ruben Otero, com apoio de um comitê acadêmico e um organizador. Serão responsáveis pelos ateliês Hiroshi Hara (Tokyo), Paulo Mendes da Rocha (São Paulo), Jorge Moscato (Buenos Aires), Pierre David (Paris), Ricardo Fayos (Barcelona) e Ann Pendleton (Boston). No contexto de uma política urbana decidida a restabelecer equilíbrios, conexões, paisagens e geografias originais no território de uma cidade segregada socialmente, a proposta do *Seminário Montevidéu II*, surge como uma atitude estimulante, enriquecendo de imaginários urbanos os montevideanos.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Técnicos da Junta de Andalucía, entidade financiadora do Plano Especial para a Bacia do Miguelete (coordenado pelo arquiteto Hugo Gilmet), participarão na etapa final: F. Zoido Naranjo e Manuel González Fustegeueras.

II Seminário Montevidéu. Ateliês de Projeto Urbano. Data: 7-20mar99. Local: Faculdade de Arquitetura e Intendência Municipal de Montevidéu. Tema: *Conectividade y Paisaje en los bordes urbanos y cuenca del Arroyo Miguelete*. Info: Facultad de Arquitectura. Boulevard Artigas 1031.11200 Montevidéu, Uruguay. mvdsem@farqu.edu.uy, www.farqu.edu.uy/mvdsem

CAD - FAU  
PUC-CAMPINAS



Croquis de Le Corbusier para a paisagem carioca

Finalmente se fez justiça. Na maioria das exposições de 1987 e no catálogo do Centro Georges Pompidou – *Le Corbusier, une encyclopédie* – viagens, contatos pessoais e projetos latino-americanos não mereceram maior destaque. Apesar da categórica afirmação de Tafari sobre a transcendência inovadora das visões urbanísticas elaboradas pelo mestre em Buenos Aires, Montevideu, São Paulo e Rio de Janeiro e ao inegável precedente dos mesmos em relação ao Plano Obús de Argel, assinalado por Mary McCloud, nenhuma voz da Enciclopédia tratou em detalhes a experiência latino-americana do arquiteto, nem sua dívida espiritual para com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Agora no Rio são expostos pela primeira vez 47 desenhos originais de seus projetos urbanos e os gráficos das conferências no Rio e Buenos Aires – parcialmente difundidos no livro *Précisions* –, dos quais 38 nunca haviam saído do acervo da Fundação Le Corbusier em Paris.

A exposição centra-se no tema da lâmina contínua de habitações sobre pilotis, coroada por uma autopista, que lhe inspirou o contexto natural do Rio de Janeiro. É esquemático afirmar que na América do Sul "Corbu" descobriu a importância da paisagem e o significado da arquitetura popular, ao visitar as favelas cariocas. Já em sua juventude, durante a viagem ao Oriente, ao percorrer a Macedônia, Grécia, Turquia e sul da Itália, seus cadernos de anotações registraram o impacto de rios, mares e montanhas, como também personagens, costumes e tradições populares dos países visitados. Tampouco foi alheio ao vínculo entre cidade, natureza e topografia, tão presente na milenar e bulhosa Constantinopla. A mudança radical acontece em sua visão da cidade "nova", até então baseada no princípio de tabula rasa, aplicado tanto na *Cidade de 3 milhões de Habitantes* como no *Plano Voisin* para Paris. Descobre que a imagem da modernidade tecnológica não está univocamente associada aos sólidos platônicos. Dentro do avião, se assombra com o serpente dos rios e a infinitude dos pampas; já no desembarque do transatlântico percebe a irregularidade dos morros e colinas cariocas. Entrelaçados a estes espaços naturais surgiram – parafraseando Comas – as cidades exemplares do urbanismo moderno.

Confiante nas potencialidades do Novo Mundo, alheio às contradições da velha Europa, assume as condições contextuais e desenha no Rio o viaduto-habitação que logo proporá para Argel. A aná-

lise desta proposta é um dos três leitmotiv da exposição, junto com a evidência do antes e depois do pensamento urbanístico do Mestre – a Cidade de 3 Milhões de Habitantes e o Plano Obús de Argel – e a apaixonada difusão de suas teorias nas 10 conferências realizadas em Buenos Aires em 29 e as 6 proferidas no Rio de Janeiro em 36.

Uma equipe parisiense, dirigida por Yannis Tsiomis, a partir dos desenhos realizados por Corbusier durante suas visitas ao Rio de Janeiro em 29 e 36, elaborou as simulações em computação gráfica, sobrepondo a lâmina à cidade existente, evidenciando suas articulações com os acidentes geográficos da cidade. Através destas reconstruções inéditas ficou demonstrada a disciplina do método projetual de Le Corbusier ao adequar a proposta às preexistências ambientais. A lâmina não constituiu um rígido ideograma, mas sim a imagem projetual urbano-arquitetônica surgida de condicionamentos objetivos: as diversas opções colocadas integram o centro da cidade, a zona portuária, o aeroporto sugerido no recente Aterro, com os sucessivos bairros da zona sul: Flamengo, Botafogo, Copacabana, Ipanema, Leblon e a Lagoa Rodrigo de Freitas. Na direção oposta, imaginava o indispensável contato com Niterói ao irradiar-se a lâmina por sobre a Bahia de Guanabara. O viaduto-habitação, flexível em seu ondulante e curvilíneo traçado, multiforme no desenho arquitetônico de seus elementos, não constitui um tipo universal como o grego ou o arranha-céu cartesiano, mas um modelo específico para uma geografia concreta, só aplicável no Rio de Janeiro e Argel. O que explica o fato de não aparecer nos planos diretores posteriores de Buenos Aires, Bogotá ou Chandigarh, solucionados a partir dos anunciados canônicos da *Ville Radieuse*.

A exposição e os ensaios contidos no catálogo – referidos também nos projetos do ministério da Educação e Saúde e da Cidade Universitária – demarcam exaustivamente o vínculo do Mestre com a América Latina e, em particular, com o Brasil, mantido nos intercâmbios profissionais com Niemeyer – a elaboração do projeto da sede das Nações Unidas em Nova York – e com Lúcio Costa – no Pavilhão do Brasil na Cidade Universitária de Paris. Uma vez mais é reafirmado o significado de *turn-point* em sua trajetória, das viagens realizadas em 1929 e em 1936, ao maturar sua visão da cidade moderna, apartando-se da rigidez e do cartesianismo imperantes na década de 20. Aqui se forjou sua integração na complexa e multiforme problemática do Terceiro Mundo, cujo clima ocorreria nas obras da Índia e na etapa final de sua obra, no Pós-Guerra europeu. Quem sabe, sem a experiência brasileira, nunca haveria existido as curvas livres de Ronchamp.

Roberto Segre é professor do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB, FAU UFRJ  
Exposição *Le Corbusier – Rio de Janeiro 1929-1936*. Curadoria Yannis Tsiomis, Organização Centro de Arquitetura e Urbanismo, direção Jorge Czajkowski, apoio UNESCO e FAU-UFRJ (Prourb). Conferências: Stanislaus von Moos, Yannis Tsiomis e Carlos E. Comas. À venda catálogo, vídeo e CD-Rom. Até 07 fev. Centro de Arquitetura e Urbanismo, r São Clemente 117, fon 021 503.3137



University of California, Mission Bay Campus. Arq Steven Holl

Um grande fórum de debates – *Residence 2001, Planning the new residential community* – reuniu estudantes, professores e reitores, estendeu-se por várias semanas, procurando definir um programa de necessidades para a nova residência estudantil do MIT. Por fim configurou-se um padrão de excelência para o novo edifício. Todas essas informações e resoluções foram reunidas pela Comissão responsável pelo desenvolvimento e acompanhamento do projeto que, após avaliar as propostas e entrevistar os arquitetos convidados, terminou por eleger o arquiteto Steven Holl para o projeto.

A referência para este novo projeto é a moradia de estudantes projetada por Alvar Aalto depois da II Guerra Mundial, a *Baker House* (1947-1949). O edifício de Aalto, que lecionou na Escola de Arquitetura do MIT na década de 40, está passando por intensas recuperações para a sua festa de aniversário de 50 anos. São 350 apartamentos, restaurante, salas de leitura, sala de jogos, sala de música e outras dependências, todas equipadas com mobiliário desenhado pelo arquiteto.

Por coincidência, Holl foi contemplado com a Medalha Alvar Aalto da Associação Finlandesa de Arquitetos, pelo projeto do Museu de Arte Contemporânea de Helsinque. Mas este foi apenas um dos muitos projetos do arquiteto que chamaram a atenção da comissão que o escolheu. Projetos residenciais, como o de Chiba e Fukuoka no Japão e projetos institucionais como o da Capela de Santo Ignatius, na Universidade de Seattle e o anexo para a Escola de Arquitetura da Minnesota University, também foram decisivos para sua seleção.

O projeto, que terá cerca de 200 mil metros quadrados, inclui todas as facilidades de uma residência estudantil. Entretanto será diferente das outras residências do MIT. Este novo prédio deverá abrigar cerca de 300 estudantes de graduação, 20 de pós-graduação, além de professores, regulares e visitantes, totalizando uma população de 360 pessoas. Além disso deverá contar com uma série de espaços públicos que estarão disponíveis para o uso de toda a comunidade universitária, como sala de conferências, restaurante e outros. O sítio, na parte oeste do campus sofrerá ainda outras transformações, com a construção de uma estação de metrô e outros equipamentos urbanos. Restam aguardar para ver o projeto.

Octavio Lacombe é professor da FAU PUC-Compinas e faz doutorado na School of Architecture and Planning (SAP) do MIT  
Residence 2001 <http://web.mit.edu/buildings/residence2001>  
Steven Holl Architects <http://www.walrus.com/~sha/index.htm>

## Vilas Cariocas

Rogério Goldfeld Cardeman\*  
cardeman@ism.com.br



Concurso Vilas Cariocas, projeto vencedor para terreno nº 1

O Concurso Vilas Cariocas – promoção da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, SMH e Iplanrio – visava a criação de 4 tipologias de vilas residenciais em terrenos do Loteamento Portus, localizado na Pavuna/RJ, que serão implantadas na produção de habitação popular, através de parceria entre os programas da SMH, *Novas Alternativas e Morar Carioca*.

No projeto foram combinados 3 tipos de unidades habitacionais visando uma maior diversidade. Cada unidade é formada por 2, 3 ou 4 módulos básicos, que podem reagrupar-se em inúmeras combinações a partir da tipologia básica.

As casas foram dispostas na periferia do terreno, com exceção da área *non aedificanti*, e possuem um pequeno quintal de fundos, que lhes permite adequada iluminação e ventilação. Os espaços livres foram projetados como suporte para uma variabilidade dos usos, sem funções rígidas previstas, contando com churrasqueiras e mesas com bancos, garantindo sua utilização pelos moradores. Neste espaço irão se desenvolver as atividades coletivas, funcionando como ponto de encontro. Foram planejados 5 blocos, assentados em cotas variadas, adaptando-se à topografia. Da mesma forma, os espaços livres foram divididos em platôs, configurando ambiências distintas. Foram projetadas 6 unidades *studio*, 12 de sala/quarto, e 4 de sala/2 quartos – totalizando 22 unidades – sendo que 4 delas, nos blocos laterais, permitirão um posterior acréscimo pelos proprietários.

As passarelas que darão acesso às casas do 2º pavimento foram projetadas em estrutura metálica para dar leveza e caráter contemporâneo ao conjunto. As esquadrias usadas são de aço laminado pintado e terão cores diferenciadas em cada bloco, visando a identidade das moradias, reforçada pelas duas cores de tijolos – ocre e telha. Os materiais especificados foram escolhidos por sua durabilidade, preço e facilidade de obtenção. Como concepção construtiva, foram escolhidos blocos estruturais compostos de escória de alto-forno, argila e cimento, diminuindo-se significativamente o custo com estruturas de concreto armado, ficando estas restritas às lajes e fundações. A cobertura será feita em telhas de fibras naturais impregnadas com betume tendo seu coeficiente de isolamento termo-acústico muito superior ao das telhas de fibrocimento.

\* Equipe responsável pelo projeto: arquitetos Adriana Caúla, Marcos London, Pedro Rolim e Rogério Cardeman

## Winnipeg, parte 1 Horizonte perpétuo

Eduardo Aquino  
aquinoe@cc.umanitoba.ca

Em 1886 a primeira travessia continental por trem entre Montreal e Vancouver veio significar um marco na definição da identidade canadense, com sua diminuta população espalhada ao longo da fronteira americana, desenvolvendo-se tradicionalmente pela alta tecnologia, formando uma percepção do lugar e uma tentativa de união nacional. O Canadá sempre defendeu uma grande autonomia entre os seus povos ao passar considerável controle econômico e político para as suas dez províncias, neste caso, criando uma imagem nacional baseada nas peculiaridades de cada região. Com a chegada da rede ferroviária nacional (Canadian Pacific Railway) surgiu uma transformação radical dos hábitos econômicos, o que permitiu não só uma maior interconectividade entre as províncias, como representou um papel crucial na produção da vasta riqueza graneira das pradarias centrais distribuindo-a efetivamente para além dos limites continentais. Como Brasília para o Brasil, Winnipeg se localiza no centro exato dos EUA e do Canadá, posicionando-se na porta de entrada da nova fronteira (o velho oeste), consequentemente se transformando num dos principais centros de distribuição norte-americano, até ser candidamente apelidada de *Chicago do Norte*. Na passagem do século Winnipeg viveu o seu momento de glória maior, aonde o elevado nível de transações comerciais criou um extraordinário adensamento na sua área central, o *Exchange District*, motivando a criação de edifícios de caráter neoclássico ou sullivaniano, mudando a velha presença pacata de cidade do oeste em um *skyline* de proporções metropolitanas, contribuindo para a iniciação de uma consciência moderna regional. Um outro marco verificado foi a implantação, ao longo da via férrea, dos agora famosos celeiros graneiros tão celebrados por Corbusier. Mas a depressão dos anos trinta e o rápido crescimento da indústria automobilística norte americana, com a criação maciça de uma extensa rede rodoviária, expulsou o congelamento abrupto do desenvolvimento da cidade. Hoje o Exchange District repousa sob um ar de abandono e nostálgica desilusão.

A surpresa quando abordamos Winnipeg é que a cidade se estabeleceu a partir da confluência de dois braços fluviais sinuosíssimos, os rios Vermelho e Assiniboine, contradizendo assim a sua própria condição geográfica como superfície radicalmente plana, sugerindo um traçado mais regular e ortogonal. Me divirto perdendo-me nas dezenas de bairros que se formam nestes charmosos e calmos bolsos fluviais, que, impossibilitados de sustentar as grandes vias de comunicação direta, são deslocados estrategicamente da intensa movimentação viária. A impressão que tive quando logo aqui cheguei foi que, além do dinâmico lay-out das ruas e da sua característica planar total, imaginava a extensão, mais adiante, de um mar com o seu horizonte perpétuo. Aprendi que Winnipeg esteve um dia submersa no lago glacial Agassiz, formado na idade do gelo de Wisconsin.

## O ascético entediado esterilizado inodoro incolor alienado anônimo insípido hotel cápsula no Japão

Luciana Itikawa, Japão  
luci007@hotmail.com



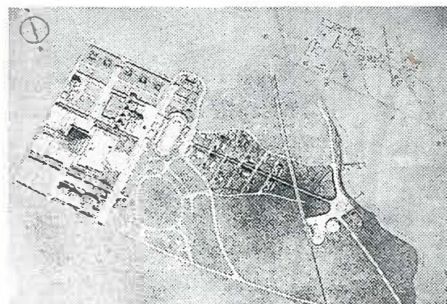
Os hotéis cápsulas estão espalhados por quase todas as metrópoles do Japão. Algumas vezes combinados a hotéis com padrão tradicional de ocupação, eles possuem uma sala de banhos e toalete coletivos e as cabines numeradas individualmente. O hotel cápsula é a densidade elevada às últimas consequências. Porém, à um nível de supressão do sujeito – uma reprodução em série de anonimatos. Toda essa compartimentação serve para a estocagem de seres a-ssoziáveis; alienados dos problemas da metrópole que o consome e do sujeito que está dormindo apenas 30 cm ao lado. A metrópole japonesa possui por resultado essa densidade dramática porque aproxima os cidadãos de uma forma constrangedora; no metrô, no trânsito e também nos lugares de dormir. É inegável que a metrópole transformou o conceito de público e privado. Claustrofobia elevada ao grau de normalidade.

Os hotéis são divididos por sexo, para evitar *desvios* na conduta humana – é o espaço mínimo para se dormir, para se ousar, para se sonhar. As pessoas que usam deste serviço não são apenas cidadãos solitários, desempregados ou desafortunados. Vários deles têm família, trabalho e conta bancária. Uma das coisas que justifica a existência dessa categoria de ocupação são os trabalhos terceirizados – “bicos” – que vêm aumentando na medida em que a metrópole se torna terciária informacional. Ainda que o Japão possua um dos sistemas de legitimação trabalhista mais satisfatórios do mundo, a quantidade de trabalhadores informais é muito grande. São, portanto, cidadãos nômades cujo excessivo deslocamento impede uma ocupação mais prolongada. É a noitada instantânea, assim como existe o hambúrguer instantâneo, a mulher instantânea, o carro instantâneo...

Essa parece uma opção melancólica de uma metrópole não carente de recursos, mas de idéias que providenciam espaços aprazíveis e muito mais sociais.

## Mundaneum: Conferência Internacional de Arquitetura

Pablo Bransburg, México  
bransburg@hotmail.com



Mundaneum, implantação geral, projeto de Le Corbusier

### Desenha sua aldeia e apresenta a universo?

Mundaneum, nome do projeto de Le Corbusier para o Centro Mundial, Científico e Educativo das Associações Internacionais que integravam a Sociedade das Nações, em Genebra, Suíça, em 1929. Hoje representa para nós uma bandeira de inspiração que retoma um significado muito especial: o de resgatar as visões utópicas daquela época. Se converte em uma engrenagem e emblema que vai irradiando o que aqueles tempos celebravam: espaços, tempos de paz e colaboração.

No presente, a liberdade é a palavra de ordem da arquitetura e das artes em geral. O arquiteto, como todo artista, deve arcar com uma extraordinária responsabilidade social e política, mantendo vivos a imaginação e a linguagem. A arquitetura deve fundamentar-se nos recursos da cultura e do trabalho – em suma, do capital humano –, pois isto se contrapõe às economias de mercado vigentes que convertem os povos em sociedades que precisamente depreciam esse capital humano. Esta voz livre deve nutrir-se dos sonhos daqueles pioneiros que alimentavam a força da cooperação internacional, a união intelectual, a criação de fóruns para a educação e a orientação dos grandes interesses comuns a todas as culturas.

Mundaneum, originalmente, se apresentava como um instrumento gerador de obras para o espírito, um instrumento para a documentação, informação, estudo e investigação de todas as manifestações artísticas e científicas internacionais.

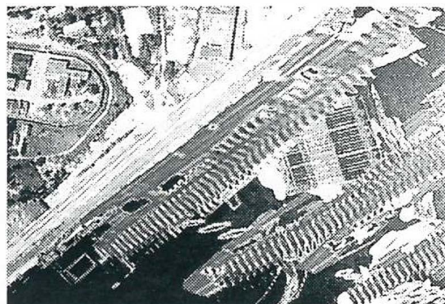
Mundaneum se manifesta hoje interessado na expressão dialética entre o local e o universo da cultura, em um jogo de retroalimentação. Um modelo que pode visualizar-se como uma fita de Moebius, cujas duas faces em contigüidade resumem a proposta; em tal caso, trata-se de uma fórmula de reverberações insuspeitadas.

Mundaneum retoma assim as coordenadas no espaço e no tempo inspiradas na linha das grandes idéias, das atitudes nobres; sua energia intelectual será uma contribuição ética-estética, como epopeia, como uma aventura magnífica para as próximas décadas na construção de um pensamento crítico e reflexivo. Mundaneum, um voltar a olhar com olhos novos, corrosivos e irreverentes, para develar o cenário velado do cotidiano... Nada mais que uma (outra) visão de mundo.

Pablo Bransburg é professor da Universidad Iberoamericana, México  
Mundaneum: Conferência Internacional de Arquitetura, Universidad del Diseño, San José, Costa Rica. De 01-04/jun99.

## Notas sobre a produção do espaço

Tom Verebes, Inglaterra



Desenho urbano para Arabiananta, Helsinki, Finlândia (fragmento)

Especação A teoria espacial existe na produção do espaço. Técnicas multidisciplinares contemporâneas ultrapassam a aplicação de trajetórias filosóficas antigas. Novas práticas dependem de novas técnicas na contribuição da evolução da cultura e da sociedade. Técnica e modelos espaciais De tipologias espaciais às técnicas digitais, a geração do espaço é ligada à pesquisa e à produção. A organização espacial relaciona-se à instrumentalização de técnicas específicas empregadas em séries variadas. O emprego de técnicas resulta em modos de organização com efeitos potencialmente previsíveis. Efeitos previstos Efeitos podem ser razoavelmente previsíveis e são sensíveis a modos específicos de organização dependendo da coerência de implementação de estratégias. A não-familiaridade de técnicas abre a operacionalidade para a inovação e novos efeitos espaciais. Efeitos eventuais Se a apropriação do espaço difere daquela prevista em projeto, o espaço deve torna-se sensível e adaptativo às forças ocupacionais. O registro de possibilidades de uso e a instigação de estruturas de acontecimentos potenciais ainda não podem controlar o espaço uma vez que este é uma dinâmica em evolução adaptativa. Efeitos de ativação espacial resultam em eventos imprevisíveis, que apesar de surgirem como resultado de programas pré-concebidos, são em realidade sinergias contingentes. Diagrama Um diagrama é um modo de descrição gráfica que permite a veiculação lógica de relações. Técnicas de diagramação são dependentes de técnicas gráficas, possibilitando exatidão de intenções, sejam estas analíticas, generativas, etc... Fisicalidade Novas condições materiais implicam em novas operações projetuais, assim como novas ferramentas de desenho engendram novas materialidades. O projeto como espacialidade sintética é representado pela possibilidade técnica da produção concreta a partir da geração digital da forma. Espaço A lógica das técnicas digitais presume que explorações espaciais complexas podem ser explicadas coerentemente. Em técnicas manuais, hierarquias gráficas e iconológicas permanecem intactas na transferência semântica. O espaço digital muda a produção espacial de objetos estáticos, direcionando-os para uma sintaxe organizacional dinâmica, modificando princípios organizacionais de figura e massa em direção à lógica vetorial de magnitude, trajetória e intensidade. Tradução André I. Leirner

## Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

II Simpósio Internacional Space Syntax  
Organização FAU-UnB. Info: fon 061 273.1254, fax 061 340.2702, fredhol@unb.br  
www.unb.br/fau/eventos/2sss.htm

### Ateliê de verão "O sul no norte"

As fundações Taller de América, Taller Los Angeles e a Woodbury University organizam ateliê arquitetura em Burbank California para estudantes e jovens arquitetos. De 7jun-2jul99. Woodbury University, School of Architecture and Design, 7500 Glenoaks Blv, Burbank CA, USA; fon 818 513 8372, fax 352 22 53, ghonles@earthlink.net

12º Congresso brasileiro de transporte e trânsito  
Com o tema *O transporte na cidade do século 21*, organizado pela Associação Nacional de Transportes Públicos. Recife, 14-18jun99. Info: ANTP, r Augusta 1626, 01304-902 São Paulo SP, fon 011 283.2999, fax 284.5411, antpsp@fesesp.org.br

### Museu de arte popular brasileira

A Casa do Pontal é o maior museu de arte popular do Brasil, com coleção de mais de 5 mil peças. Estrada do Pontal 3295, Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro RJ, fon/fax 021 490.3278

### Biblioteca CAD - Ócullum

1. *Arquitetura de ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a preservação*, Ateliê Editorial, 1998, r Marechal Bittencourt 491 01432-020 São Paulo SP, fon 011 887.0903
2. *Por amor às cidades*, Jacques Le Goff, Fundação Editora UNESP, fon 011 223.7088, fax 223.9560
3. *Campo Grande, a cidade onde moro e Legislação Municipal de Interesse Ambiental*, PLANURB, Campo Grande MS, planurb@pmcg.ms.gov.br
4. *Estruturas de Aço*, Luis A. Mattos Silva; *Estruturas Metálicas*, Karl Fritz Meyer; *Tecnologia para pré-dimensionamento de estrutura metálica*, CD-Rom. Usiminas, usicivil@usiminas.com.br
5. *Arquitetura grega*, A. W. Laurence; *Escultura gótica*, Paul Williamson. Yale University Press / Ed. Cosac & Naify, fon 011 255.8808, fax 255.3364
6. *Ensaio sobre a razão compositiva*, Edson Mahfuz, UFV / AP Cultural

Incentivo à cooperação Brasil, Argentina e Chile Vitae abre inscrições para o "Concurso Anual de Programa de Cooperação Científico-Acadêmica". Até 23/04. Info: fon 011 3061.5299, fax 883.6361, vitae@dialdata.com.br, http://www.vitae.org.br

Congresso Mundial Icomos no México  
Com o tema geral *O bom uso do patrimônio*, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios promove evento em 4 cidades mexicanas. De 17 a 23out99. icomosmex99@compuserve.com.mx

### História das Missões na Internet

Com apoio da IBM, o IPHAN realizou o *Projeto de informatização do patrimônio cultural das missões jesuíticas dos guaranis*. www.missoes.iphan.gov.br